



## Outras epistemologias curriculares para Licenciatura em Letras Português e Literaturas\*

### Other curricular epistemologies for the Degree in Portuguese Language and Literature

Osmar Moreira dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Trata-se de um relato de experiências, bem como do tratamento teórico e metodológico acerca da construção da proposta e implementação do novo currículo da Licenciatura em Letras com Língua Portuguesa e Literaturas no Campus II – UNEB, Alagoinhas (Santos, 2020), traçando, assim, um pontilhado de mapas, em movimento, dando conta de acontecimentos, cenas, intensidades, afetos, entre outras atividades relevantes, que nos permitiram conectar currículos anteriores, desde 1972 (esse curso fez meio século em 2022), ao novo currículo, emergente em 2021.2. Em suma, uma experiência que pode além de provocar debates sobre a realidade de cursos de Letras do e no Brasil, abrir novas paisagens epistemológicas para o campo linguístico-literário sem que este se confunda com cursos de pedagogia.

**Palavras-chave:** Currículo. Linguística. Literatura. Signos. Praxis semiológica. Emancipação.

**Abstract:** This is a report of experiences, as well as the theoretical and methodological treatment regarding the construction of the proposal and implementation of the new curriculum for the Degree in Letters with Portuguese Language and Literatures at Campus II – UNEB, Alagoinhas (Santos, 2020), outlining, thus, a dotted line of maps, in motion, giving an account of events, scenes, intensities, affections, among other relevant activities, which allowed us to connect previous curricula, since 1972 (this course turned half a century in 2022), to the new, emerging curriculum in 2021.2. In short, an experience that can, in addition to provoking debates about the reality of Literature courses in and in Brazil, open new epistemological landscapes for the linguistic-literary field without it being confused with pedagogy courses.

**Keywords:** Curriculum. Linguistics. Literature. Signs. Semiological praxis. Emancipation.

---

<sup>1</sup> Professor titular da UNEB, doutor em Letras e Linguística pela UFBA, líder do grupo de pesquisa *Lingua(gem)* e Crítica Cultural. E-mail: osantos@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4505-5024>.

\* Artigo recebido em 21 de junho de 2024. Aceito para publicação em 02 de agosto de 2024.

Este relato de experiências tratando da construção da proposta e implementação do novo currículo da Licenciatura em Letras com Língua Portuguesa e Literaturas no Campus II – UNEB, Alagoinhas (Santos, 2020), traçará um pontilhado de mapas, em movimento, dando conta de acontecimentos, cenas, intensidades, afetos, entre outras atividades relevantes, que nos permitem conectar currículos anteriores, desde 1972 (esse curso fará meio século em 2022), ao novo currículo, emergente em 2021.2.

Esses mapas em movimento pressupõem a atividade de professores(as), pesquisadores(as), estudantes, grupos de estudantes, colegiados, núcleos e grupos de pesquisa, disciplinas e conteúdos programáticos, eventos, atividades estético-políticas, conexões acadêmicas em várias latitudes, e podem (esses mapas), serem construídos, montados, desmontados por cada ativista acadêmico, aqui conceituado, como aquele(a) que não decalca, que não reproduz as prescrições impostas pelos currículos e sua vocação epistemicida, isto é, todo currículo, por mais bem intencionado e ambicioso que seja em seu Plano Político-Pedagógico (PPP), exige de todos(as), ou de ao menos um(a), que a política vinculada a esse pedagógico não seja praticada como um mero ajuste aos enquadramentos (Rancière, 1996) da escala e formação neoliberal (Mészáros, 2005); e que, também, o plano desse pedagógico não seja similar ao de um campo de concentração nazifascista (Agamben, 2004): onde o excluído, o despejado de sua língua, cultura, território, e da afirmação do seu ser com o mundo (Freire, 1978), seja vigiado, controlado, anulado, enfraquecido, jogado nesse mundo, pela prática de um currículo como vigilância e perseguição policial.

Contra esse pensamento e sistema arborescente (Deleuze; Guattari, 1994) e sua árvore pedagógica epistemicida e sua polícia como sistema de controle e de enquadramentos num lugar, numa forma de ser e com prescrições e determinação de funções, insurge-se o pensamento rizomático, seus mapas e formas de política, de embaralhamentos e jogos de esclarecimento (Sloterdijk, 2000).

Em se tratando das práticas pedagógicas em Linguística e Literatura, em Alagoinhas, e em todos os níveis de formação, da escolinha ao pós-doc., lutamos “com unhas e dentes”, enquanto praticávamos o currículo que agora se esvai (2004 – 2021.1), pelo direito de experimentarmos coisas decisivas, a saber, levar a cabo uma licenciatura em Letras que pesquisasse; construir condições teóricas e práticas para respondermos a essa pergunta óbvia: o que é ensinar do ponto de vista da Linguística e da Literatura sem sucumbirmos ao “ser professor”, como essa identidade forjada e imposta pelo sistema de educação, nem sucumbirmos às formas de representação prescritas em material didático, nem conformismo ao espaço da universidade (Santos, 2004) e da escola como aparelhos ideológicos vinculados à lógica neoliberal de produção de conhecimentos.

## Mapa em movimento n.1

A ocupação do NUPE (Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão) do Campus II, em Alagoinhas, em 2004, por um pequeno grupo de estudantes e de professores, pedindo licença a funcionários que até então, lá, apenas jogavam paciência, em seguida retiramos as cadeiras, mesas com computadores, impressoras, armários e os dispusemos, performaticamente, da entrada do prédio principal do Campus à salinha do NUPE; lavamos a sala vazia com sal grosso e, em roda de conversa, lemos o novo regimento, tratando, a partir daquele momento, da construção de um movimento no Campus II em prol da pesquisa: essa ocupação, histórica, é um divisor de águas, a saber, fizemos emergir a pesquisa, com ênfase na Iniciação Científica, quase em “confronto” ativo com o ensino e a extensão, pois a UNEB, a essa altura, dispunha apenas de um programa de pós-graduação com um curso de Mestrado, o PPGEduc, e não havia política científica institucional à altura da massa crítica de professores já com a titulação de doutor (a).

Com essa brincadeira, proliferamos, em pouco menos de 03 anos (2004 - 2007), através do NUPE, dezenas de acontecimentos científicos, tais como a participação de professores mestres e doutores nos Editais de Iniciação Científica, chegando a 40 projetos de professores e 110 subprojetos de alunos, aprovados, anualmente, apenas em Alagoinhas; oferta de oficinas para professores e estudantes visando ao seu cadastramento na Plataforma Lattes; criação dos Núcleos de Estudos Linguísticos, Estudos Literários, Estudos Pedagógicos; animação científica com essa centena de estudantes de todos os cursos do Campus em jornadas locais, a cada três meses, tratando de resultados parciais de suas pesquisas, bem como nas Jornadas Científicas, anuais, da UNEB. O Núcleo de Estudos da Subalternidade (NUES), como dispositivo de agitação acadêmico-política derivado do Grupo de Pesquisa Língua(gem) e Crítica Cultural, criado em 2002 pelo autor deste relato através do Diretório 5.0 do CNPq, e certificado pela PPG – UNEB, articulava e contornava as linhas gerais desse mapa em movimento.

## Mapa em movimento n.2

Entre os dias 6, 7 e 8/08/2008 realizamos no embalo desse movimento pela pesquisa no Campus II da UNEB a I Avaliação Unificada dos Cursos de Letras: Crítica, Autocrítica e Transformação, cuja imagem resultante e traduzida numa performance de 2 minutos por estudantes era “o colegiado, cego; os estudantes, mudos; os professores, surdos”, e toda a comunidade das Letras sob o impacto de 9 GTs, a saber, uma pauta para Letras; uma imprensa de Letras; serviço público e informação jurídico-política; Letras na comunidade regional; Reunificação da Habi-

litação Vernáculas/Francês; coordenação colegiada do Colegiado; quadro docente e demandas da graduação e pós-graduação; infraestrutura de trabalho e estudos; currículo e sala de aula.

Como uma espécie de “inferno” criado pelos estudantes nos meses seguintes, protocolando processos contra docentes que não apareciam em aulas; ocupando salas de aula e problematizando conteúdos programáticos obsoletos; organizando barricadas (Guattari; Rolnik, 1999) a favor de mais apoio à sua permanência na universidade e por melhores condições de trabalho e pesquisa nas casas de estudantes; a criação do boletim mensal *Letra combativa* para dar expressão política ao movimento, entre outras atividades e ativismos, conseguimos inserir a noção e prática de Pesquisa em Letras I, II e III, a partir do V Semestre, num currículo que já havia nascido “velho”, mas que então se abria a contrapelo não apenas para catalisar esse movimento pela pesquisa em que o Curso de Licenciatura em Letras com Português e Literaturas já ultrapassava em número de bolsas de IC, Fapesb, PIBIC, IC Jr., o curso de Bacharelado em Agronomia do Campus de Juazeiro, referência unebiana, mas principalmente estaria criando a base para a formação de talentos para a pós-graduação *stricto sensu* na UNEB e em outras instituições da Bahia e do Brasil.

O Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, com o curso de Mestrado e suas linhas de pesquisa Margens da Literatura; Letramento, Identidades e Formação de Professores; e Narrativas, Testemunhos e Modos de Vida, emergiu, assim, em final de 2008, como um farol para as Letras da UNEB e do Brasil.

### Mapa em movimento n.3

Esse movimento no Campus II pela pesquisa, culminando na criação e implantação do Programa de Crítica Cultural em 2009, então com nota 3 (três), mínima na Capes, além de fazer emergir uma nova infraestrutura de pesquisa com a construção de um prédio próprio com salas de aula, gabinetes de estudos, salas de reuniões de linhas e grupos de pesquisa, com recursos da Administração Central, ainda estimula a que o programa, ora instalado, participe de várias chamadas públicas, a exemplo do Casadinho PROCAD (2011 – 2015) com o Programa de Estudos Literários da UFMG, com nota 7 (sete), máxima na Capes; da de Infraestrutura de pesquisa na FAPESB (2010 – 2012), com recursos para uma sala de arte como laboratório de audiovisual e, ainda, a que resultou no Centro de Pesquisa e Documentação Interdisciplinar e seus Laboratórios de Produção, junto a FINEP, com mais investimento federal na ampliação da infraestrutura já existente.

As principais consequências disso, a favor de maiores condições para o advento e prospecções de um currículo rizomático, agora já articulando a graduação

e pós- graduação, foram: a) interação de pesquisadores docentes e discentes do programa de Alagoinhas, e sua graduação de base, com pesquisadores docentes e discentes do programa da UFMG, tanto em Belo Horizonte quanto em Alagoinhas; b) produção de uma dissertação de Mestrado em Alagoinhas, comparando as duas graduações em Letras na UNEB e na UFMG, além de um mapeamento dos cursos de Letras do Brasil, epistemologias e formas de gestão (Silva, 2014); c) criação de infraestrutura local para diálogos e efetivas cooperações científicas regionais, nacionais e internacionais; d) diálogos e efetivas cooperações locais, com mentalidade aberta e universal, em diferença, dramatizando, assim, a contradição da produção científica brasileira, que é a produção para a comunidade de base (que, em geral, é produção encaçada) e não, efetivamente, uma produção para / e com essa comunidade de base.

A sala de arte Oswald de Andrade, laboratório audiovisual apoiado pela FAPESB e o Centro de Pesquisa Avançada, conjunto de laboratórios apoiado pela FINEP, com o seu perfil de acolhimento de estudantes da graduação e da Educação Básica, através de diversos projetos de pesquisa e de extensão, em diálogo e em processos de ensino- aprendizagem com pesquisadores docentes e discentes do Programa de Crítica Cultural e sua rede de cooperações acadêmicas e científicas, esses equipamentos não só nos têm permitido redimensionar a sala de aula para além de seus enquadramentos prescritos pela lógica neoliberal, na medida em que cada acontecimento (Deleuze, 1988), através de exibição e debates de filmografias, palestras, performances, entre outras atividades, colocam em movimento cenas inumeráveis de outros currículos, mas também, e principalmente, por nos terem permitido criar condições semiológicas (Saussure, 2006; Benveniste, 2008; Fiorin, *et al.*, 2013) para que os sujeitos subalternizados assumam a palavra e vislumbrem novas lógicas, novas possibilidades de direito ao acesso a formas de produção de conhecimento (Jameson, 1992).

#### Mapa em movimento n.4

A questão “o que é ensinar do ponto de vista linguístico-literário”, partindo de um esvaziamento da prescrição pedagógica do sistema educacional que sempre quis fazer dos cursos de Letras um mero curso de pedagogia (Costa Lima, 2013; Lajolo, 2013), aqui, e desde a emergência desse movimento pela pesquisa no Campus II da UNEB, em Alagoinhas, organiza uma forma de resposta coletiva ao menos com esses dois gestos, a saber, a) reter e descrever um horizonte epistemológico a ser explorado a partir de uma arqueologia do signo linguístico-literário e seus desdobramentos como lugar de política cultural (Santos, 2016; Santiago, 2008), tomando a cultura da linguagem como direito à cidadania, a partir de 2003 sob governos de

esquerda no Brasil; b) reter e combater, problematizar, deslocar o eixo “educação/pedagogização” dos cursos de Letras da UNEB, então alimentado por seu único programa de pós-graduação com o curso de Doutorado, o PPGEduc, num contraponto, e por uma afirmação da potência do campo linguístico-literário com a proposição e aprovação do Centro de Pesquisa Avançada, Documentação Interdisciplinar e Laboratórios de Produção (PERSCULT), apoiado no âmbito da Chamada Pública MCT/FINEP/ CT-INFRA - PROINFRA 02/2010, acima mencionado.

O artigo 2 do Regimento Interno desse centro de pesquisa diz isso explicitamente:

A finalidade do Centro de Pesquisa Avançada, Documentação Cultural Interdisciplinar e Laboratórios de Produção (PERSCULT) e seus equipamentos é retomar a noção de signo como um crivo de investigação da linguagem humana e seus modos de representação e funcionamento linguístico-literário e cultural, situando as tensões entre sujeitos, grupos, tribos, nações e os dispositivos do estado e do capital, implicando, com isso: I – uma avaliação dos despejos linguísticos, culturais, territoriais e ontológicos de populações colonizadas/escravizadas com a ocidentalização do mundo a partir do século XVI; II – uma recuperação das ruínas, traços, marcas de povos, sujeitos, tribos, dizimados, sem chances de testemunhos sobre a barbárie; III – um laboratório de estudos teóricos permanentes, bem como de tratamento e disponibilização de dados e/ou resultados para *downloads* por parte da comunidade científica em todos os seus níveis de escolarização e formação; IV - articulação dos múltiplos projetos da UNEB, em quaisquer domínios do saber, que reconheçam as contribuições do campo linguístico-literário e operem com categorias semiológicas bem assimiladas em seus campos de saber; V - promoção de estudos sobre povos e comunidades tradicionais voltados para os direitos linguístico-literários e culturais; VI - desenvolvimento de ações de educação linguístico-literárias no contexto de institucionalização da malha cultural no Brasil; VII - interlocução com movimentos linguístico-literários e culturais nacionais e internacionais; VIII – Representação/ inserção da Universidade do Estado da Bahia em fóruns, comitês, congressos, conselhos, comissões e assembléias relacionados ao desenvolvimento e inovação linguístico-literária do Brasil em sua relação com países emergentes e/ou de língua portuguesa; IX - proposição e celebração de convênios, acordos ou instrumentos congêneres com instituições públicas, privadas e Organizações Não Governamentais, nacionais e internacionais, que promovam os direitos linguístico-literários e culturais; X - captação de recursos para desenvolvimento de projetos vinculados à área de atuação do centro; XI - fomentar a criação de cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu*, no campo linguístico-literário, nos departamentos da Universidade; XII - promoção de palestras, congressos nacionais e internacionais envolvendo as interfaces do campo linguístico-literário com as ciências humanas, em sentido abrangente; XIII – promover edições de livros, livretos, em formatos populares, resultantes de pesquisas, bem como da produção de escritores/as anônimas; e, XIV – restaurar, fotodigitalizar documentos impressos raros e/

ou esquecidos, desvalorizados pelo sistema cultural hegemônico, a exemplo de diários, entre outros; XV – interagir com centros e/ou instituições da área de tradução envolvendo línguas, literaturas e políticas culturais de países emergentes a propósito da mobilidade docente e discente, parcerias, convênios do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural; XVI - representação junto aos órgãos ou instituições competentes no combate a ações que ameacem os direitos linguístico-literários e culturais de populações excluídas pelos processos de “modernização” ocidental.

Com isso, a emergência de uma questão pedagógica própria ao campo linguístico literário não deve ser mais a de prescrever e controlar a execução da norma culta e do bom gosto literário (Fiorin, 1998), mas, interpelando permanentemente esse sistema intelectual (Santiago, 2008) epistemicida, operar com o “que restou” da língua portuguesa, depois das ordens de despejo linguístico, cultural, territorial e ontológico a que foram submetidas as populações empobrecidas no Brasil e na periferia do capitalismo. A partir desse grau zero da língua e da linguagem, não somente desmontar ponto por ponto o discurso logocêntrico e suas rapinas (Derrida, 2014; Foucault, 1972), mas criar as condições para que cada falante subalternizado possa recompor sua história de uso da língua como um dispositivo e manual de sobrevivência a favor de sua própria emancipação como um sujeito político em movimento.

### Mapa em movimento n.5

Devemos ainda a esse movimento pela pesquisa no Campus II da UNEB, em Alagoinhas, e os diálogos profícuos entre a graduação e pós-graduação, então com o curso de Mestrado em Crítica Cultural, ou seja, entre 2004 e 2014, não apenas o acontecimento epistemológico envolvendo a construção e o estabelecimento de um objeto de pesquisa próprio e intervalar, a saber, língua, literatura e suas relações intersemióticas sob o crivo de teorias e métodos múltiplos, mas, principalmente, através das práticas epistemológicas e estético-políticas durante esse período, termos criado as condições para responder a questão pedagógica do campo linguístico-literário, acima mencionada.

Assim, estudantes de iniciação científica em projetos de pesquisa como o *Potência transnacionais emergentes e seus crivos culturais* (BRICS), cadastrado no Programa de Crítica Cultural, apoiado no âmbito do PRONEM 008/2014 Fapesb/CNPq, não apenas passariam a dispor de modos de mapeamento das trocas culturais entre Brasil/China, Brasil-Rússia, Brasil-Índia, Brasil-África do Sul e, ainda, de modos de investigar a virada linguístico-literária em Stuart Hall, Jacques Lacan e Lévi-Strauss, mas, em parceria com seus colegas do Mestrado em Crítica Cultural, imergirem nos trabalhos dos laboratórios de audiovisual, de edição e Fábrica de

Letras, da memória cultural e dos primeiros passos da radioweb Pós-Crítica; compartilharem resumos nos Cadernos dos SIP/Seminários Interlinhas; debaterem trabalhos em mesas e sessões de comunicação desse evento semestral homônimo, entre outros trabalhos, como as atividades de extensão em bairros da periferia e em comunidades rurais de Alagoinhas e entorno.

Vale destacar nessas jornadas semestrais envolvendo o SIP/Interlinhas, com estudantes de todos os semestres de graduação e da pós, a exploração da noção de linguagem, que compunha todos os eixos do currículo anterior, como uma espécie de “casa vazia” em que a atividade do pensamento, da leitura e da criação podia, coletivamente, e de forma transvaloradora, esvaziar a transcendência de significados culturalmente fixados, e colocar nos devidos termos uma outra pedagogia a partir dos recursos epistemológicos do campo linguístico-literário.

Isso encoraja poderosamente o Programa de Crítica Cultural, já em 2012, apenas com 3 anos de funcionamento, a propor o Curso de Doutorado em Crítica Cultural no APCN de 2013, cujos resultados, com a aprovação de quase todos os itens relativos à ideia e à proposição, além de animadores, serviram de base para outro planejamento, agora de 4 anos (2013-2016), e sua aprovação em 2018.

Aprendemos ao longo desse movimento, começado em 2002, com a criação do Grupo de Pesquisa Língua(gem) e Crítica Cultural, com a ocupação do NUPE em 2004 e com a avaliação unificada dos cursos de Letras em 2008, que não é suficiente ter a resposta mais inovadora e radical para “o que é ensinar do ponto de vista do campo linguístico-literário”, apostando na “casa vazia” e no esvaziamento do significado transcendental e fazer desse grau zero o lugar da criação e da revolução, mas, enfim, estava cada vez mais claro que sem um lugar, ainda que nômade, para a gestão e a proliferação desse movimento não teríamos como ir além.

Foi dessa necessidade de irmos além do que havíamos feito até então, que, já em 2012, começamos um outro movimento, no âmbito de toda a UNEB, pelo desmembramento dos cursos de Letras, em Alagoinhas, do Departamento de Educação que, desde a lei 7176 de 1997, misturava Letras, História e Educação Física, sem nenhum ou pouco resultado transdisciplinar efetivo. Visando ao Departamento de Linguística, Literatura e Artes, conseguimos finalmente, em 2019, atingir os primeiros passos de sua implementação, e agora em 2021.2, em via de se concluir com a eleição de Diretor(a) do DLLARTES.

## Mapa em movimento n.6

Em 2016, primeiro ano de planejamento para a criação da nova proposta de curso de Doutorado, temos o cruzamento de ao menos três movimentos conjugados, a saber, a) aprofundamento da relação entre a graduação e pós-graduação como uma



das condições fortes para os primeiros passos de um efetivo trabalho (g)local; b) luta, em pequenos coletivos, para a criação do Departamento de Linguística, Literatura e Artes; c) construção dos primeiros debates sobre o redimensionamento do curso de licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Os pontos de pauta do roteiro político para a criação do DLLARTES, em movimento desde janeiro de 2012, foram: superar o nível selvagem da discussão local em que coordenadores de Colegiados de Letras, juntamente com a Direção do DEDC II, assim como, alguns professores, se colocavam contra “esse movimento separatista”, por uma discussão geral no âmbito da UNEB através do conceito de “reordenamento departamental” conforme os conceitos e alinhamentos das 9 grandes áreas e as dezenas de subáreas do sistema científico brasileiro, discussão essa, então instituída e estimulada pelo próprio Conselho Universitário (CONSU); ancorar os argumentos dessa discussão institucional ampla como uma exigência, incontornável, de um programa de pós-graduação *stricto sensu* que queria avançar, também, em suas formas organizativas, mas, em muitos sentidos, travadas num contexto de banalidades e querelas departamentais.

Atentos a esse trabalho epistemológico e, também, ao político-organizativo envolvendo a parceria entre a graduação e a pós-graduação, agora com esse horizonte de espera de um curso de doutorado, mais uma vez, foram os estudantes de graduação em Letras em 2016, numa assembleia geral da comunidade no âmbito das primeiras consultas e debates promovidos pelo Colegiado de Letras com Português, que, 8 anos depois daquela I avaliação unificada dos cursos de Letras, em 2008, fizemos um encaminhamento decisivo, a saber: retirar o peso da formação em Letras e suas mais de 3.000 (três mil) horas, com 7 a 8 disciplinas por cada um dos 8 semestres, cada uma com o mínimo de 15 a 20 resenhas de livros, capítulos, artigos em periódicos; sem falar do mínimo de 3 três avaliações por disciplina, sendo as quais preparação de seminários, provas escritas, preparação de *papers*, portfólios como exigência de estágios, relatórios da iniciação científica para as jornadas, SIP/Interlinhas e monografia de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Tanto mais pesado para toda a comunidade, depois dessa problematização aberta pelos estudantes, foi a constatação geral de que dos 30 a 40 alunos(as) matriculados(as), nos últimos 12 anos (2004 – 2016), apenas o máximo de 10 (dez) desses(as) heróis, heroínas, conseguiam concluir o seu curso em tempo mínimo de 4 anos, com muitos(as) deles (as) abandonando o curso pelo caminho ou sendo dessemestralizados(as), ou seja, se avançamos com relação à construção de uma efetiva licenciatura que pesquisasse e com excelentes resultados, por um lado; por outro, houve uma sobrecarga, um peso morto, um excesso, de difícil diagnóstico que precisávamos avaliar, abolir e construirmos, coletivamente, uma política do cuidado de si e do outro.

Então, que fazer, selecionados e combinados os elementos fortes do movimento pela pesquisa em Letras, e sua formação de professores/educadores/pesquisadores posterior a essa constatação, para criarmos e implementarmos um currículo leve, rizomático e pleno de saberes e sabores?

Depois de muitas reuniões ampliadas do Colegiado, passando pelas reuniões dos núcleos pedagógicos de apoio, bem como pelos fóruns específicos mobilizados pela PROGRAD/UNEB, entre 2016 e 2018, além das reuniões da comissão organizadora desse currículo com o Núcleo de Linguagens e de Ciências Humanas dos 8 maiores colégios de Alagoinhas, entre outros participantes de colégios do Território Agreste de Alagoinhas e Litoral Norte, chegamos a essa súmula da carga horária curricular, inescapável, e com o desafio coletivo de torná-la a mais leve possível:

**Eixo Literário Obrigatório 690 horas**, sendo elas 420 horas (7 X 60) dos componentes obrigatórios dos Estudos Literários + 240 horas das 360 horas (6 X 60) da *Imersão Literária* (bloco de 3 componentes escolhidos semestralmente num leque optativo de 30 possíveis) + 90 das 300 horas do *Laboratório de Leitura e Criação Textuais*; **Eixo Linguístico Obrigatório 690 horas**, sendo elas 420 horas (7 X 60) dos componentes obrigatórios dos Estudos Linguísticos + 240 horas de 360 horas (6 X 60) da *Imersão Linguística* (bloco de 3 componentes escolhidos semestralmente num leque optativo de 30 possíveis) + 90 das 300 horas do *Laboratório de Leitura e Criação Textuais*; **Eixo Pedagógico-Interdisciplinar 540 horas**, sendo elas 120 das 180 da *Imersão Pedagógica* (bloco de 3 componentes escolhidos semestralmente num leque optativo de 20 possíveis do Eixo Pedagógico-Interdisciplinar + 420 horas de componentes obrigatórios do Eixo Pedagógico-Interdisciplinar; **Eixo da Prática de Estágio 420 horas**, sendo elas através de 4 componentes de 105 horas cada um; **Eixo da Prática Pedagógica ou de Curricularização da Extensão 420 horas**, sendo elas 120 horas da imersão pedagógica da Linguística + 120 horas da imersão pedagógica da Literatura + 60 horas da imersão pedagógica do campo pedagógico-interdisciplinar + 120 horas do *Laboratório de Leitura e Criação Textuais*; **Eixo de Outras Experiências Formativas 450 horas**, sendo elas 180 horas do componente *Pesquisa em Letras I, II e III* + 180 horas de *SIP I, II, III e IV* + 90 horas de *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)*; 200 horas de *AACC*, perfazendo uma carga horária total de 3.410 horas.

Afinal, que estratégias teórico-descritivas apresentamos no projeto de re-dimensionamento para abolirmos o excesso, o peso do currículo de 2004 a 2021.1 e, ao mesmo tempo, aprofundarmos todas as conquistas do movimento pela pesquisa e formação de profissionais de Letras, ainda mais qualificados e cuidando institucionalmente de e contemplando todos(as), sem nenhum a menos, dos ingressantes? Em linhas gerais, e conforme todas as orientações institucionais e suas leis, portarias, resoluções, normativas, fizemos o seguinte: a) em vez de 13 ou 14 componentes obrigatórios de cada eixo, linguístico ou literário, ofereceremos ape-

nas 7 de cada eixo e ao longo de 7 semestres, cada um com o status de disciplinas nucleares e de pesquisa, experimentação, aprofundamento epistemológico de cada campo disciplinar; b) as outras 7 disciplinas de cada eixo, e que eram obrigatórias no currículo anterior, complementamos-lhes com mais 23 (vinte e três) formando assim um número de 30 para cada eixo a serem ofertadas de 3 em 3, e com variações de semestre a semestre, na forma do que chamamos de Imersões Literárias ou Imersões Linguísticas, com 180 horas cada oferta, alternadas, e ao longo dos primeiros 5 semestres; c) transformamos uma disciplina de 60 horas do currículo anterior, intitulada Leitura e Produção Textual, num laboratório de 300 horas, ao longo dos primeiros 5 semestres, intitulado Laboratórios da Leitura e Produção Textuais; d) retiramos 300 horas das imersões linguísticas, literárias e pedagógicas e mais 120 dos Laboratórios da Leitura e Produção Textuais, tanto para substituírem o “Práticas Pedagógicas” do currículo anterior, quanto para inserirmos a linguística e a literatura, com professores de linguística e de literatura, no cerne e coração da Educação Básica; e) instituímos de uma vez por todas a disciplina Pesquisa em Letras I, II e III, a partir do V Semestre; f) Não mexemos no Estágio Supervisionado, nem no TCC, mas apenas no SIP, através do qual, e sem seguirmos mais aqueles eixos “linguagem isso”, “linguagem aquilo”, construímos, em cada semestre, uma problemática específica, tirada coletivamente, e envolvendo professores e estudantes da Educação Básica.

### Mapa em movimento n.7

Não há dúvida de que sem esses movimentos pela pesquisa em Letras no Campus II da UNEB, em Alagoinhas, em níveis de graduação e de pós-graduação, combinados e articulados com a avaliação crítica unificada dos cursos de Letras e a desvinculação desses cursos de Letras do Departamento de Educação para o novo Departamento de Linguística, Literatura e Artes, não teríamos acúmulo político-acadêmico, nem motivações epistemológicas fortes para propor, debater, superar contradições, aprovar e implementar esse currículo rizomático.

A pesquisa em nível de graduação, além da legião de estudantes pesquisadores com outro nível de formação, inclusive com a presença de estudantes de Ensino Médio com iniciação Jr., não só faziam a diferença em sala de aula, mas também na prática dos estágios supervisionados, com muitos deles, em seguida à colação de grau, já ingressarem em programas de pós-graduação *stricto sensu*, fazendo avançar suas pesquisas iniciadas no TCC.

A dimensão político-pedagógica, experimentada e praticada nos colegiados da graduação e da pós, nos núcleos, linhas e grupos de pesquisa, nas representações estudantis e levada a cabo nos vários movimentos aqui descritos, não

apenas insuflou vida nova a um currículo que como dissemos havia “nascido velho e sem vida”, mas, principalmente, soube reter e fazer funcionar o que os coletivos souberam estabelecer em seus movimentos.

Em 50 anos de Letras (1972-2022), enfim, ultrapassamos as prescrições curriculares da Licenciatura Curta (1972-1985) que impunham a gramática normativa, a norma culta e os panoramas literários com seus estilos e características de época, para, entre 1985 e 2004, implodirmos essas primeiras prescrições com a renovação dos estudos de língua portuguesa com novas metodologias, teorias e práticas emergentes na linguística no Brasil, com a chegada de novos(as) professores(as) em Alagoinhas (de Lima, 2004), bem como com a renovação dos estudos literários com novas metodologias, teorias e práticas emergentes na literatura comparada contemporânea (Candido, 1975; Calvino, 1990; Antelo, 2012) também na mochila de novos(as) professores(as) de literatura.

A todos nós, até esse momento, faltavam apenas os movimentos pela pesquisa, o engajamento político pela institucionalização da pós-graduação e sua infraestrutura, e mais: esse currículo rizomático, que fizesse a síntese e que tenha a força e a seiva dos musgos e dos djembês para o estabelecimento de novos começos.

### **Considerações finais**

A diferença desse currículo rizomático para os anteriores pode ser marcada por algumas modulações, a saber: a) descentra-se as literaturas ocidentais, no âmbito das obrigatórias, com a afirmação e a presença efetiva de Línguas, Literaturas e Culturas Africanas; Línguas, Literaturas e Culturas Indígenas; Políticas e Direitos Literários, entre outras, igualmente relevantes e inovadoras, envolvendo o campo linguístico; b) propõe-se a ampliar o espírito científico da comunidade (g)local das Letras através da disseminação de outros modos de referenciar e problematizar, próprios do campo linguístico-literário e não mais os das Letras, confundidos com cursos de pedagogia; c) propõe-se a fomentar a formação e a movimentação do espírito político-pedagógico organizativo no âmbito e funcionamento dos dispositivos institucionais, a exemplo de colegiados, centros acadêmicos, federações de estudantes, núcleos, grupos e linhas de pesquisa, significando, com isso, reiterar: não devem haver escolhas de componentes para as imersões linguísticas, literárias, pedagógicas sem discussões de planejamento entre professores, colegiados e as turmas de estudantes, gesto igualmente obrigatório para a formação de turmas para os laboratórios de leitura e produção textuais; d) propõe-se a intensificar, muito mais do que nas práticas de Estágio Supervisionado até então, a presença da literatura e da linguística, no âmbito da Educação Básica, através de sua extensão, curricularizada, e pelos próprios professores (as) de cada área; e) propõe-se a inserir,

pela primeira vez na história dos currículos de Letras, aqui em Alagoinhas, e talvez nos outros da UNEB e de todo o Brasil, uma legião de estudantes do Ensino Médio, seja através da curricularização da extensão, com a oferta semestral de oficinas de 15 a 45 horas, com até 300 vagas; seja com a inserção desses mesmos alunos, mas com outra carga horária, nos seminários semestrais do SIP, este em conexão com os Seminários Interlinhas com as turmas do curso de Mestrado, do curso de Doutorado e da Turma Multicampi de Doutorado em Canudos.

Com essas modulações possíveis, a partir desse currículo rizomático, não só teremos dispositivos fortes para problematizarmos e anularmos os mecanismos da tripartição do pensamento arborescente (um “ser professor” controlado; um sistema de representação linguístico-literária epistemicida; e um aparato de circulação de saberes, o mesmo ou a mesmice, que não faz a menor diferença), mas, também, dispositivos fortes para os agenciamentos coletivos e revolucionários, a exemplo, da construção de um novo sujeito político, “o associado comunitário”, composto pelos profissionais das Letras, em formação, e os professores de Letras atuando na Educação Básica, no interior da ANPOLL (Associação Nacional da Pós-Graduação em Letras e Linguística) e suas possíveis sessões estaduais por todo o Brasil. Assim, cremos, de fato, estar contribuindo para uma efetiva política científica para a UNEB, e toda sua licenciatura, bem como para a inovação da área dos Estudos Linguísticos e Estudos Literários no Brasil. Os primeiros passos desse novo movimento de longo alcance já começaram a ser dados agora em 2021.2 com as Imersões Literárias, os Laboratórios de Leitura e Produção Textuais, as disciplinas obrigatórias Literatura Comparada, Língua, Linguagens e Filosofia, articuladas ao SIP (Seminário Interdisciplinar de Pesquisa), agora com a presença institucional, e irradiante, de estudantes do Ensino Médio.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações: marxismo e literatura**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ANTELO, Raul. Diagnóstico da comunidade de Letras, ANPOLL 2011. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 33, p. 273- 283, 2012.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Pontes, 2008.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1975. 2 vols. 5ª. Edição.

COSTA LIMA, Luiz. **A praga do beletrismo**. Disponível em: <http://www.revistaautomia.com.br/volumes/Ano2-Volume2/artigo-extra/A-Praga-do-Beletrismo.pdf>. Acesso: 27 nov. 2013.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DE LIMA, Maria Nazaré Mota. MOITA LOPES, Paulo da (2002). Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade). 232 p. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 17, p. 373-377, jul./dez. 2004.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Trad. Marileide Dias Esqueda. BH: Editora da UFMG, 2014.

FIORIN, José Luiz. Reflexões para o estabelecimento de uma política para as Humanidades. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 4, p. 301-321, 1998.

FIORIN, José Luiz, FLORES, Valdir do Nascimento, BARBISAN, Leci Borges (orgs.). **Saussure**: a invenção da linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática, 1992.

LAJOLO, Marisa. **No jardim das Letras, o pomo da discórdia**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio36.html>. Acesso: 02 jun. 2013.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma reforma democrática e emancipatória da universidade do século XXI**. 2004.

SANTOS, Osmar Moreira dos. **A luta desarmada dos subalternos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.

SANTOS, Osmar Moreira dos. **Projeto de redimensionamento do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (Curso 406)**. Alagoínhas, UNEB: Laboratório de Edição Fábrica de Letras, 2020.

SILVA, Evanildes Teixeira. **Cursos de Letras, políticas institucionais e (des)ativação de dispositivos**. Alagoinhas, UNEB: Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Dissertação de Mestrado, 2014.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**: uma resposta à Carta de Heidegger sobre o humanismo. Trad. José de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.